

12

As diferentes concepções e maneiras de realizar o trabalho nos tempos atuais *The different concepts and ways of doing work in modern times*

MARIA STELLA RIBEIRO DE SAMPAIO LEITE
Psicanalista; membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise
de São Paulo e do Instituto *Sedes Sapientiae*.
E-mail para correspondência: mariastellaleite@gmail.com

RESUMO

Esse estudo busca explorar as diversas concepções e maneiras de realizar o trabalho desde a Antiguidade, quando o trabalho era entendido como castigo, até os dias de hoje. A atividade profissional pode ser fonte de satisfação na medida em que haja um equilíbrio entre sublimação e capacidade afetiva amorosa e agressiva. A partir de experiência de mais de duas décadas com Orientação Vocacional, a autora mostra quais são as motivações que norteiam os jovens a realizar sua escolha profissional atualmente.

Palavras-chave: Trabalho, Psiquismo, Vocação.

ABSTRACT

This study looks at different ways work was perceived since the early days – from when it was seen as a form of penalty, until nowadays. Being an active professional can be a way of satisfaction as long as people can find a balance between *sublimation and affection ability/aggressiveness*. From the experience acquired throughout more than two decades with Vocational Orientation, the author is able to demonstrate which motivations guide teenagers in choosing their Professional option.

Keywords: Work, Psyche, Vocation.

Na Antiguidade, o trabalho era visto como sacrifício. Adão foi expulso do Paraíso e condenado a trabalhar como punição à transgressão cometida contra as determinações de Deus. Assim também Prometeu, um semideus, foi punido porque desafiou Zeus, roubando-lhe o fogo e o entregando aos mortais. Como castigo/presente, recebeu Pandora, uma mulher que trazia consigo novas necessidades dos mortais, até então desfrutadores da vida natural. Dentre essas atribuições, estava a necessidade de o homem transformar grãos em alimento através de um trabalho árduo.

Somente no século XVIII, o trabalho passou a ser um bem e a falta dele tornou-se fonte de infelicidade. Nessa perspectiva, o trabalho transformou-se em instrumento de satisfação de desejo e/ou de provimento de necessidades.

Freud, no começo do século XX, mostrou que o trabalho para o homem é uma forma de este se firmar à realidade e à cultura. Os homens têm um impulso vital: os eróticos e os agressivos. Buscam a satisfação imediata, movidos pelo princípio do prazer. No entanto, o processo de socialização impôs ao homem certa contenção desses impulsos. Isso significa que uma dose de repressão deve agir sobre os impulsos eróticos e agressivos em prol da vida em sociedade, sob a égide do princípio da realidade. Esta limitação imposta à liberdade dos impulsos de vida, ou pulsões de vida, foi o preço pago pela segurança em sociedade.

Várias produções humanas têm essa mesma base, esse mesmo montante energético transformado pelo princípio da realidade. O princípio do prazer requer satisfação imediata e, ao contrário, o princípio da realidade atua adiando a satisfação dos desejos. Os impulsos desviados de seu alvo original passam por uma transformação e recebem outro nome: impulsos sublimados. Com o mecanismo de sublimação, os desejos aguardam certo tempo para ser realizados. Os impulsos sublimados constituem a força motriz de vários produtos da civilização, como a arte, a religião, a produção científica e o trabalho quando livremente escolhido. Embora movidos por impulsos sublimados, esses derivados culturais mantêm uma parte dos impulsos eróticos e agressivos originais que exigem satisfação direta e imediata dos desejos. Portanto, o trabalho livremente escolhido está alicerçado sobre impulsos sublimados e impulsos amorosos e agressivos de forma balanceada.

Assim, o trabalho fornece satisfação do desejo de maneira desviada de seu alvo sexual primário, ao mesmo tempo que oferece uma parcela de satisfação dos impulsos diretamente ligados aos seus fins sexuais e agressivos. A atividade profissional livremente escolhida pode ser gratificante em sua ampla extensão: tanto como resultado cultural quanto como satisfação pessoal da necessidade pulsional interior.

No século XVIII, ingenuamente, o homem era considerado *Homo sapiens*. Em seguida, esta concepção evoluiu para a ideia do *Homo faber*, ou do homem

que faz e que “põe a mão na massa”. Junto ao homem que sabe e faz, passou-se a entender o homem como aquele que joga. *Homo ludens* foi um conceito criado por Johan Huizinga, filósofo holandês do início do século XX. Para esse autor, através do jogo, o filhote do homem aprende a se organizar em sociedade e se pautar pela ética, exercício que vai se estender ao longo de várias atividades conjuntas e individuais. Essa capacidade do homem de jogar está associada a diversas produções culturais, como a linguagem, a busca de conhecimento, o exercício do trabalho criativo, a arte e o direito, e até a competição esportiva.

Em época posterior, Donald Winnicott, um pediatra e psicanalista inglês, a partir de observações de crianças, privilegiou as primeiras experiências de brincar do bebê com sua mãe, ou substituta, como fundamentais ao desenvolvimento da pessoa. Atribuiu enorme importância a essa atividade lúdica, pois é fomentadora da individualidade da criança, já separada da mãe e do mundo externo. A passagem do estado da criança ligada à mãe para a situação de estar separada dela é necessária para a formação do aparelho psíquico. Não se trata de uma passagem abrupta, nem definitiva. Ao contrário, mesmo adulto, cada indivíduo guarda uma zona fronteira entre interior e exterior, entre o dentro e o fora do aparelho psíquico. Esse espaço intermediário é de suma importância, pois aí estão guardadas as primeiras experiências afetivas; é o berçário de tudo que é caro ao sujeito. Esse espaço intermediário carregado de significado e afeto permanece durante toda a vida no ser humano, tingindo suas atividades sejam elas de lazer, sejam de trabalho.

A ideia da relação homem-trabalho sofreu transformações ao longo do último século. Como ensinou Herbert Marcuse, inspirado em Freud, o princípio do prazer e o princípio da realidade, norteadores dos impulsos de vida, têm dado lugar ao princípio do desempenho, fruto de uma sociedade produtiva e aquisitiva. Segundo ele, enquanto trabalham, muitas pessoas não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, mas trabalham em estado de alienação. Para esses indivíduos alienados, o trabalho significa ausência de gratificação, de impulsos eróticos e agressivos e de sublimação. Sob o domínio do desempenho, corpo e mente, instrumentos do trabalho alienado, só podem funcionar se renunciarem à liberdade do sujeito-objeto libidinal que o organismo humano primariamente é e deseja. O princípio do desempenho e o de produtividade envolvem o indivíduo e todos os seus impulsos eróticos e agressivos. É certo que as necessidades vitais mostram ao homem que não dá para viver exclusivamente sob o princípio do prazer. É preciso um tanto de repressão. Contudo, sob a égide do princípio do desempenho, é necessário um tanto a mais de repressão sobre os instintos sexuais e agressivos (libido). Essa repressão adicional sobre os instintos está a serviço da dominação e do seu correlato, o princípio do desempenho.

O mundo corporativo atual fornece vários exemplos dessa dinâmica. Foi o que se observou com Carla, uma jovem executiva e gestora de uma equipe de funcionários. Já com as férias programadas, atendeu a um chamado de urgência que a fez mudar seus planos de viagem. Passou um mês acompanhando sua irmã mais nova entre a vida e a morte, esta também funcionária com grandes responsabilidades. Sem causa aparente, ela desenvolvera uma miocardite grave. Carla sofreu e se sentiu forte candidata a um quadro parecido, se não alterasse seu ritmo de trabalho. Nesse momento, procurou análise e disse, no primeiro contato: “Casei e me separei sem perceber. Comprei uma casa e tive várias promoções sem ter me dado conta de que fiz tudo isso. Hoje, estou muito angustiada porque minhas férias estão no fim e não sei se quero voltar ao trabalho”.

Embora essa moça tenha feito uma escolha profissional, a de ter uma carreira sólida e uma boa remuneração, sentia-se alienada, pois era movida pelo princípio do desempenho, máxima do sistema que premia a produtividade, comum em muitas empresas. São profissionais alienados de si mesmos, superadeptos ao trabalho, *workaholics*. Apesar de dominar um ofício e ser gratificada por isso, Carla sentia-se pressionada ao extremo. Nesses casos, a repressão excessiva faz a pessoa pensar na dinâmica empreendida por outra força energética, diferente da pulsão de vida. Trata-se da pulsão de morte, um impulso que, nos estados extremos da vida, age de forma sorradeira com vistas à proteção do ser humano, mesmo que seja promovendo ruptura e destruição da pessoa.

Nas democracias liberais ocidentais, prega-se a autonomia econômica, jurídica e política. Mais ainda, só a autonomia simbólica promove a realização de si. Vende-se a ideia de que cada um tem que se fazer por si, construindo uma identidade única. Para a psicóloga Diva L. Conde, em apresentação no congresso de Orientação Profissional em 2009, no esforço de expandir esta ideia da autonomia para a relação do homem com seu trabalho, observou-se que “cada pessoa acha que deve ser empreendedora, dar conta sozinha da empregabilidade.”. E, neste sentido, “os grupos humanos não são mais referência com os quais se partilha cultura, mas são egogregários”. Em outras palavras, a ideologia que se depreende da máxima tão difundida é: **eu quero, eu posso**. Como se as oportunidades estivessem à disposição de qualquer pessoa que queira e tenha iniciativa para correr atrás!

Ouviu-se, recentemente, o seguinte de uma jovem que torce pelo vilão da novela: “Ele é digno de admiração, porque tudo o que ele quer, ele luta e consegue”. Concorda-se com Dany-Robert Dufour, filósofo francês contemporâneo, quando ele disse que “a autonomia do sujeito é proclamada em nome do ideal de objetivos emancipatórios sem que estejamos à altura, especialmente as novas gerações expostas em cheio a essas exigências”. A autonomia amplamente valorizada pelas

várias instâncias sociais, como família, escola, Estado e mídia em geral, leva a crer que cada indivíduo é responsável pelo seu futuro e por sua felicidade. De fato, considera-se que, com as referências institucionais e familiares empalidecidas, o homem fica no fundo mais sozinho, fica desgarrado das raízes, das tradições, como se fosse autoengendrado. As figuras de autoridade têm a função de acolher, mas também de impedir e proibir; são efetivas se amorosas e firmes, confirmando às novas gerações o lugar que cada pessoa tem na sociedade, seus deveres e seus direitos. O exercício de oposição à autoridade claramente instituída fortalece o jovem ao longo do seu desenvolvimento. As interdições marcam os limites entre o “eu” e o outro, entre as diferenças sexuais e geracionais. No entanto, todos estão submetidos e igualados: são pertencentes à cultura. Neste sentido, o aparente estado de liberdade promovido pelo neoliberalismo é um blefe. Aqueles crentes dessa máxima tornam-se presas fáceis de tudo o que parece poder satisfazer às suas necessidades imediatas. E mais, tornam-se cômodos alvos do poderoso aparelho que é a ideologia dominante.

A partir da experiência da autora deste artigo com Orientação Vocacional, foram observadas as ideias retratadas acima nos jovens das faixas socioeconômicas mais altas. Trabalhar por prazer, escolhendo o que fazer, é um privilégio das classes mais altas, daqueles indivíduos que têm acesso aos recursos econômicos e possibilidades de estudar. Estes jovens desejam levar uma vida mais tranquila do que aquela que seus pais tiveram e têm, embora aspirem ao dinheiro que garante poder aquisitivo, realização pessoal, felicidade e sucesso. Sabem que terão que suportar alguns percalços, principalmente se forem iniciantes, porém são otimistas quanto às expectativas futuras.

Apesar de idealistas, no período de escolha profissional, estes jovens ponderam as possibilidades de conseguir recursos econômicos para consumir: bens, diversão, amigos e visibilidade. Nessa perspectiva, o trabalho pode ser entendido como uma mercadoria. Cada produto do trabalho, talvez o próprio trabalho, tem valor de mercado, gera capital.

De uns anos para cá, tem-se observado uma constante nas motivações apontadas pelos jovens que buscam Orientação Vocacional. Com enorme frequência, logo no primeiro contato, eles dizem que aspiram a criar algo novo, a ter uma inspiração, a ter uma ideia revolucionária e, através de uma invenção, querem descobrir a solução de um grande problema da humanidade. Curiosamente, focam um objetivo, um alvo, sem projetar formas de chegar à realização do grande feito. Parece que consideram que o ato criador nasce espontaneamente, do nada. Nessa perspectiva, o objetivo é chegar ao produto final do trabalho, mas na expectativa de que os feitos apareçam imediatamente. É preciso lembrar a urgência de chegar ao resultado próprio do

princípio do prazer. Além disso, essa demanda dos jovens parece ser tentativa de se chegar às outras pessoas; mais precisamente, tentativa de capturar o desejo dessas outras pessoas! Para a nova geração, parece que criar algo novo é a garantia de obter um lugar na sociedade. Através da realização de alguma coisa criadora, pensam poder marcar a presença no mundo. É verdade que a forma de garantir a identidade parece mágica, um ato criador sem raízes.

Toda identidade, em especial toda identidade profissional, requer movimento introspectivo de análise das identificações culturais com suas tradições e suas raízes, das identificações paternas, reflexão sobre interesses, habilidades, competências e valores. Esse movimento implica certa solidão. Gestar uma ideia, encontrar a solução de um desafio e aprofundar um tema é resultado de reflexão e aprofundamento das ideias. Essa condição é muitas vezes temida pelos jovens. Conseguir a introspecção necessária ao desenvolvimento de um estudo às vezes provoca sentimentos de desamparo. A Orientação Vocacional se propõe justamente à reflexão sobre esses aspectos, pois o desenvolvimento interior é condição à escolha profissional consistente e realizadora.

Num dia destes, muito decepcionado, um rapaz contou que fizera uma grande invenção, mas frustrou-se ao saber que Freud já havia inventado a mesma ideia. “Será que tudo já foi inventado?”, perguntava-se. Como é difícil para essa pessoa se dar conta de que não há um único pai de uma grande ideia, que as ideias são sempre produções do coletivo. Para aqueles que esperam obter certa identidade através da autoria de um grande feito, é desesperador perceber que todos estão imersos em determinado caldo cultural. Concorde-se com Wilfred Bion quando, em seu texto “Mentiras e o pensador”, ele falou que o pensador não pode ser dono dos próprios pensamentos, pois isso seria uma presunção, uma mentira. O poder criativo de uma pessoa não foi gerado nela, mas está aí disponível para qualquer hospedeiro que capte a criação. E mais: segundo ele, somos tributários da história, não há conhecimento fora da história das ideias. O conhecimento como geração espontânea é uma ficção aos moldes da sociedade midiática e das biografias espetaculares.

Recentemente, ouviu-se um jovem dizer que desejava muito “uma vida sedentária”, querendo dizer uma vida nômade. Esse ato falho talvez revele tanto o desejo de obter raiz quanto a expressão do desejo de viajar pelo mundo. Ele quer se ligar a uma atividade e se aprofundar nela, mas também quer responder às exigências do mundo sem fronteiras. Escolher uma profissão atualmente oferece alguns complicadores. Além de serem muitas opções, cada profissão não oferece fronteira delimitada. É importante ter em mente que uma identidade profissional se constrói ao longo de um tempo, mais precisamente através de um projeto de carreira, o que implica longo prazo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BION, Wilfred R. *Atenção e interpretação*. Tradução de Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- DUFOUR, Dany-Robert. Os extravios do indivíduo-sujeito. Tradução de Selvino José Assmann. Artigo *on-line*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, agosto, 2001. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/dufour.htm>>.
- FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *In: Obras completas*. Apresentação e notas de James Strachey. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. O futuro de uma ilusão. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas*. Vol. XXI. Apresentação e notas de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. O mal-estar na civilização. *In: FREUD, Sigmund. Obras completas*. Vol. XXI. Apresentação e notas de James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- HESÍODO. *O trabalho e os dias*. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- STUCCHI, Mariana P. *Artes de viver em mulheres camadas de populares: o cotidiano de mães da comunidade São Remo*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: Ipusp.
- WINNICOTT, Donald W. *O brincar e a realidade*. Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.